



REFLEXÃO SOBRE OS (DES)CAMINHOS DO ENSINO DE GRAMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Úrsula Pereira Teixeira¹
Jackline Simões Ferreira Mangueira²
Francisco Tadeu Teófilo Arrais³
Ana Maria Pereira⁴
Maria do Ó Félix Pereira⁵
Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa⁶

INTRODUÇÃO

O estudo bem orientado da gramática possibilita aos alunos aprenderem a pensar por si mesmos e a formularem os seus pontos de vista sobre a língua de forma mais criteriosa, racional e conseguinte. Assim, com o desenvolvimento de sua competência linguística, abre-se para eles um caminho mais seguro para a aprendizagem efetiva de novos conhecimentos. (CAMPOS, 2014, p.20)

O ensino de gramática na sala de aula tem sido foco de crescentes discussões, as academias e em diversos estudos publicados por autores. Um dos eixos centrais das discussões é o fato de que o aluno estuda conteúdos gramaticais durante todo o percurso da educação básica e, mesmo assim, não domina a norma padrão da Língua Portuguesa.

Este entrave leva-nos a refletir sobre o seguinte questionamento: por que o aluno tem tanta dificuldade em usar as regras da língua portuguesa, se, na educação básica, o ensino de gramática é fortemente apregoado pelos professores, durante as aulas de Língua materna?

Sabe-se que alguns professores adotam a forma prescritiva como regra a ser seguida, outros fazem uso do texto como pretexto para análises metalinguísticas e alguns docentes dão um caráter contextualizado às aulas de gramática. De acordo com Travaglia (2009, p.38), “o ensino prescritivo objetiva levar o aluno a substituir seus próprios padrões de atividades linguísticas considerados erros/inaceitáveis por outros considerados corretos/aceitáveis”.

¹Mestranda do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campus Cajazeiras – PB, ursula.ug@hotmail.com;

²Mestranda do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campus Cajazeiras - PB, jack.lettras@gmail.com;

³Mestrando do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campus Cajazeiras – PB, tadelarraais@gmail.com;

⁴Mestranda do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campus Cajazeiras – PB, anaamary8172@gmail.com;

⁵Mestranda do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campus Cajazeiras – PB, do.lettras@gmail.com;

⁶ Professora orientadora: Doutora em Linguística, Professora da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Campus Cajazeiras - PB maria.vanice@professor.ufcg.edu.br

Nesse sentido, precisamos abordar o ensino de gramática na sala de aula na perspectiva de que o aluno desenvolva a competência comunicativa.

Seguindo esse viés de discussão, este artigo objetiva analisar como o ensino de gramática é abordado em sala de aula pelos professores da educação básica, especificamente das séries finais do ensino fundamental, proporcionando aos estudantes um conhecimento reflexivo e crítico sobre a língua. Como nos lembra Campos (2014, p.18), “o procedimento metodológico adequado consiste em ir da observação do uso da língua em diferentes textos para a reflexão teórica e esta, novamente para a observação do uso, nos textos elaborados pelos próprios alunos”. Assim, o ensino de língua deve levar em conta seus usos sociais, permitindo que os estudantes aprendam a usar a língua de forma mais reflexiva, pois estamos atrelados a formas que não condizem com a realidade dos alunos.

Para a análise e reflexão do ensino de gramática na sala de aula, fez-se necessário, a pesquisa bibliográfica e explicativa, baseada nos postulados de Travaglia (2009), Neves (2023), Antunes (2007), Campos (2014) entre outros.

Neste estudo, mostramos que as abordagens metodológicas adotadas para o ensino de língua, têm-se voltado para a gramática normativa. No dizer de Travaglia (2009, p.30):

A gramática normativa, que é aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, norma essa que se tornou oficial. Baseia-se, em geral, mais nos fatos da língua escrita e dá pouca importância à variedade oral da norma culta, que é vista, conscientemente ou não, como idêntica à escrita. Ao lado da descrição da norma ou da variedade culta da língua (análise de estruturas, uma classificação de formas morfológicas e léxicas), a gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua. Essa gramática considera apenas uma variedade da língua como válida, como sendo a língua verdadeira.

Frente a essa realidade, é possível reconhecer que muitos professores fazem uso única e exclusivamente da gramática normativa por desconhecerem os outros tipos de gramática, contribuindo para um ensino engessado em que poucas interações acontecem na escola e fora dela. Segundo Antunes (2007, p.23)

É preciso reprogramar a mente dos professores, pais e alunos em geral, para enxergarmos na língua muito mais elementos do que simplesmente erros e acertos de gramática e de sua terminologia. De fato, qualquer coisa que foge um pouco do uso mais ou menos estipulado é vista como erro. As mudanças não são percebidas como “mudanças”, são percebidas como erros.



É urgente e necessário que mudanças aconteçam na sala de aula, especificamente, na Educação Básica. Precisamos abordar as várias concepções de gramática e refletir sobre a abordagem metodológica que está sendo usada em sala, se é a mais adequada às necessidades dos alunos.

Partindo desse pressuposto, apresentamos, um caderno pedagógico como proposta didática, o qual levará o professor a se apropriar de estratégias capazes de promover a ressignificação do ensino de gramática na educação básica. É de suma importância que o professor reflita sobre o tipo de ensino estará levando para a sala de aula. Nesse sentido, Travaglia (2009) seguindo a pressuposição de Halliday, McInyosh e Strevens (1974), apresenta três tipos de ensino: o prescritivo, o descritivo e o produtivo. A forma prescritiva está relacionada ao ensino tradicional, ou seja, à metalinguagem. Enquanto a forma descritiva tem relação com o que o aluno já traz consigo, ou seja, habilidades já adquiridas, a gramática internalizada, já a forma produtiva faz referência à aquisição de novas habilidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa apontam que o ensino de gramática na educação básica apresenta muitas fragilidades e que a metodologia do professor pode ou não ser produtiva, na perspectiva de ser eficaz e eficiente para o processo de interação. Segundo Travaglia (2009, p. 40):

O ensino produtivo é sem dúvida o mais adequado à consecução do primeiro objetivo do ensino de língua materna ... , ou seja, o de desenvolver a competência comunicativa, já que tal desenvolvimento implica a aquisição de novas habilidades de uso da língua e o ensino produtivo visa especificamente ao desenvolvimento de novas habilidades.

Nesse sentido, precisamos abordar o ensino de gramática na sala de aula de forma contextualizada, na perspectiva de que os alunos desenvolvam a competência comunicativa. Precisamos mudar a cultura de que gramática é estudar um conjunto de regras. É necessário trabalhar de uma forma que haja compreensão e reconhecer que a gramática acontece nos usos da língua, pois nossos alunos precisam dialogar com a sociedade.

Assim, o caderno pedagógico funciona como um suporte que levará muitos professores, a entenderem o quanto é importante trabalhar em sala de aula as diferentes concepções de ensino e os diferentes tipos de gramática. Vale ressaltar que muitos professores e alunos conceituam gramática como um conjunto de regra a ser seguido. Na ocasião, apresentamos os

tipos de gramática⁷ na visão de Travaglia (2009, p.30-37): gramática normativa, gramática descritiva, gramática internalizada, gramática implícita, gramática explícita, gramática reflexiva, gramática geral, gramática universal, gramática histórica, gramática comparada.

Nesse sentido, precisamos abordar o ensino de gramática na sala de aula de forma contextualizada, na perspectiva de que os alunos desenvolvam a competência comunicativa de forma consciente e significativa. Precisamos mudar a cultura de que estudar gramática é estudar um conjunto de regras. Além disso, é necessário trabalhar a gramática de forma reflexiva. Como bem nos diz Antunes (2014, p.40) “[...] uma gramática contextualizada é uma gramática dos usos, o que implica dizer daquilo que as pessoas dizem e escrevem em textos dos mais variados tamanhos, tipos e funções”.

Não devemos ensinar gramática pela memorização de regras, e sim, pela compreensão do sistema linguístico. É necessário mostrar ao aluno que o trabalho com o lúdico em um contexto significativo proporciona o protagonista por meio da experimentação e criatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar esta pesquisa, fez-nos reconhecer o quanto muitos professores de Português enxergam a gramática como algo engessado e que, muitas vezes, uso da língua não é valorizado em sala de aula. O ensino de gramática é voltado para o uso de regras, uso da metalinguagem, apegando-se à classificação e identificação de categorias. Conforme no diz Travaglia (2009), “o professor deve explorar a riqueza e a variedade dos recursos linguísticos em atividades de ensino gramatical”.

Embora alguns professores façam uso do texto como pretexto para análises metalinguísticas, há outros que dão um caráter contextualizado às aulas de gramática. No entanto, é necessário alargar os passos acerca do ensino de gramática na sala de aula. Assim, é necessária uma nova abordagem para ensinar gramática, pois temos inúmeras possibilidades de desenvolver a prática pedagógica considerando os conhecimentos prévios dos estudantes como uma forma de melhorar as habilidades cognitivas durante todo o processo de ensino-aprendizagem.

Vale ressaltar que, ao fazer uso com mais frequência de uma determinada concepção de gramática, não significa dizer que estará excluindo outra. É preciso que tenhamos conhecimentos o suficiente para sabermos os momentos mais oportunos para se trabalhar em

⁷ Para aprofundar a leitura sobre os tipos de gramática, consultar o livro GRAMÁTICA E INTERAÇÃO: uma proposta para o ensino de gramática, de Luís Carlos Travaglia.

sala de aula, levando os alunos a entenderem que a gramática faz parte do nosso cotidiano. Campos (2014), diz que “o ensino da gramática deve se basear nos usos da língua, ligando-se por essa razão às atividades de leitura e produção de textos orais e escritos”. Com isso, estaremos oferecendo aos estudantes uma forma de aprender e/ou estudar gramática em uma perspectiva produtiva, fazendo com que, na sala de aula, aluno sintam-se parte essencial desse processo de aprendizagem, e que se significativo para a vida dentro e fora da escola.

Palavras-chave: Gramática; Ensino produtivo; Língua materna; Escola.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem pedra no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada:** limpando “o pó das ideias simples”. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BARBOSA, D. A. S.; LIMA, F. R. **ENSINO DE GRAMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE AS ABORDAGENS METODOLÓGICAS EM SALA DE AULA.** Rev. Interdisciplinar Cadernos Cajuína, v.6, n. 3, 2021.

CAMPOS, Elísia Paixão de. **Por um novo ensino de gramática:** orientações didáticas e sugestões de atividades. Goiânia: Cênone editoria, 2014.

CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O.. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. **E-Mosaicos**, V. 7, P. 3-25, 2019.

NEVES, Maria Helena de Moura; CONEGLIAN, André V. Lopes. **Laboratório de ensino de gramática.** São Paulo: Contexto, 2023.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português brasileiro.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.